

O HUMANISMO PORTUGUÊS E EUROPEU

NO 5º CENTENÁRIO DO *CICERO LUSITANUS*:
DOM JERÓNIMO OSÓRIO (1515-1580)

CRISTINA PIMENTEL
SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
MARIA LUÍSA RESENDE
MADALENA BRITO
MARGARIDA MIRANDA
(EDS.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Aires Augusto Nascimento (U. Lisboa)
Ana María Tarrío (U. Lisboa)
Ángel Urban Fernández (U. Córdoba)
António Díaz (U. Évora)
Arnaldo do Espírito Santo (U. Lisboa)
Delfim Ferreira Leão (U. Coimbra)
Eustáquio Sánchez Salor (U. Extremadura)
João Manuel Nunes Torrão (U. Aveiro)
José Antonio Sánchez Marín (U. Granada)
José María Maestre Maestre (U. Cádiz)
Manuel José de Sousa Barbosa (U. Lisboa)
Marc Mayer i Olivé (U. Barcelona)
Margarida Miranda (U. Coimbra)
Maria Cristina Pimentel (U. Lisboa)
Nair de Castro Soares (U. Coimbra)
Santiago López Moreda (U. Extremadura)
Sebastião Tavares de Pinho (U. Coimbra)
Thomas Earle (U. Oxford)

IN MEMORIAM

Num segundo, *Atropos* corta o fio da vida e a consumação dos sonhos. No espanto e no desgosto que nos deixa sem palavras – porquê? porquê assim, num golpe de tragédia inexplicável? – queremos, os que com Sebastião Tavares de Pinho preparámos este volume, que ele tanto quis, em que tanto se empenhou, curvar-nos em profunda homenagem ao professor, ao erudito, ao homem. Não chegou, por pouquíssimo tempo, a ver editado este volume sobre um dos seus autores de eleição e a época entre todas favorita. Guardemos, porém, a memória do seu sorriso aberto quando, em Outubro, demos por concluída a revisão das provas. Faltava – apenas! – a capa, faltavam os muito últimos retoques.

Requiescat in pace. Sub umbra alarum do Senhor, que o tenha a Seu lado: na “paz do repouso, a paz do sábado, a paz sem entardecer”.

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

APOIO À PRÉ-EDIÇÃO

João Pedro Gomes

PRÉ-IMPRESSÃO

Finepaper

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

PRINT BY

KDP

ISBN

978-989-26-1931-6 (IUC)
978-972-9376-51-1 (CEC-UL)

ISBN DIGITAL

978-989-26-1932-3 (IUC)

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1932-3>



Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2019.

© MARÇO 2020, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O HUMANISMO PORTUGUÊS E EUROPEU NO 5º CENTENÁRIO DO CÍCERO LUSITANUS

O humanismo português e europeu no 5º centenário do Cícero Lusitanus : Dom Jerónimo Osório (1515-1580) / Cristina Pimentel... [et al.]. – (Fora de coleção)

ISBN 978-989-26-1931-6 (ed. impressa)

ISBN 978-989-26-1932-3 (ed. eletrónica)

I – PIMENTEL, Maria Cristina, 1954-

CDU 821.134.3Osório, Jerónimo.09

APRESENTAÇÃO	5
PARTE I: O HUMANISMO EUROPEU NO SÉCULO DE JERÓNIMO OSÓRIO	7
JURAJ FRANEK , Naturalistic Theory of Religion in Pomponazzi's <i>De Incantationibus</i> and Its Significance	9
ULRICH KÖPF , Les humanistes et la réformation en Allemagne	29
JOSÉ HENRIQUE MANSO , Universalidade do ensino humanista no estudo de uma epopeia bíblica: o comentário de Aires Barbosa à <i>Historia Apostolica</i> de Arátor	41
BERNARDO MOTA E HENRIQUE LEITÃO , Francisco de Melo: entre Renascimento Matemático e Humanismo	57
ARMANDO SENRA MARTINS , Jorge Coelho e a tradução de Luciano, <i>De dea Syria</i> ...	69
ÁNGEL RUIZ PÉREZ , Conocimiento, uso y promoción de la lengua griega por parte de San Juan de Ávila	83
PAMINA FERNÁNDEZ CAMACHO , <i>Vestigia veritatis</i> . Un estudio del comentario al <i>Critias</i> de Jean de Serres y su interpretación del mito de la Atlántida.	95
JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE , Santa Teresa de Jesús y los escritores místicos como modelos principales para la falsificación en el siglo XVII de la primera de las <i>Dos Cartas de Doña Luisa de Sigea a vn cauallero sobre la soledad</i> . 105	
ÁNGEL URBÁN , Tradición e innovación iconográfica en Tiziano Vecellio, pintor teólogo entre los Humanistas del Renacimiento: La Anunciación de la 'Scuola Grande di San Rocco', Venecia	193
NUNZIO BIANCHI , La biblioteca di Annibal Caro (1507-1566): elenchi inediti di libri.....	237
GREGORIO RODRÍGUEZ HERRERA , Los extractos de Ovidio en las <i>Sententiae et Exempla</i> (1557) de André Rodrigues de Évora: <i>Fastos, Tristes y Pónticas</i>	259
JUAN CARLOS JIMÉNEZ DEL CASTILLO , El tópico del «Soprepujamiento» en la <i>Austriaca siue Naumachia</i> de Francisco de Pedrosa	271
BARTOLOMÉ POZUELO CALERO , Arias Montano neoestoico	283
ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO , As referências a Cícero no Livro V da <i>Poética</i> de Júlio César Escalígero.....	297
MARÍA NIEVES MUÑOZ MARTÍN , Los "Géneros Menores" en la <i>Poética</i> de J. C. Escalígero. Un uso creativo del legado clásico	307

PARTE II: D. JERÓNIMO OSÓRIO E O HUMANISMO PORTUGUÊS 317

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO , D. Jerónimo Osório no Contexto do Humanismo Europeu	319
ÁNGEL MARCOS DE DIOS , A formação universitária de Jerónimo Osório no <i>Studium Salmanticense</i>	329
JOAQUIM ROMERO MAGALHÃES† , Breves notas sobre D. Jerónimo Osório, bispo do Algarve (1564-1580).....	345
MARIA LUÍSA RESENDE , A tradução portuguesa da <i>Iliada</i> atribuída a D. Jerónimo Osório: considerações sobre a sua datação e autoria	355
LUÍS MIGUEL FERREIRA HENRIQUES , Retórica e exemplaridade na obra historiográfica <i>De Rebus Emmanuelis Gestis</i>	367
M^a JOSÉ LOPES , “Traje português” e Historiografia Novilatina: Damião de Góis e Jerónimo Osório como exceções ao perfil do relutante historiador humanista português.....	381
ANA ISABEL CORREIA MARTINS , A presença do <i>De Gloria</i> na <i>Collectanea Moralis Philosophiae</i> (1571).....	399
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES , D. Jerónimo Osório, Bispo de Silves, e a sua obra de pedagogia política	413
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA , <i>El Carmen in Diem Natalem Domini Nostrì Iesu Christi</i> de Jerónimo Osório. Análisis filológico y literario	429
JOSÉ A. SÁNCHEZ MARÍN , Elogio de la nobleza en la Europa renacentista: J. Osorio, A. Viperano y Juan Latino.....	445
ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO , A experiência mística em D. Jerónimo Osório.....	465
MANUEL AUGUSTO RODRIGUES † , A obra bíblica do Bispo D. Jerónimo Osório e do seu sobrinho homónimo.....	499
MARGARIDA MIRANDA , Dom Jerónimo Osório e a implantação da Companhia de Jesus em Portugal.....	513
JOSÉ PEDRO PAIVA , D. Jerónimo Osório, bispo do Algarve, e a Inquisição	525
MADALENA BRITO , Leituras sobre a escravatura na expansão portuguesa: Jerónimo Osório e Fernão Pérez.....	533
ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO , <i>Manda Platão</i> . Nota sobre a cultura política palaciana no século de Jerónimo Osório	543
MARC MAYER I OLIVÉ , Jerónimo Osório, Antonio Agustín y Jean Matal: ¿una amistad por encima de la política?	555
CRISTINA COSTA GOMES E ISABEL MURTA PINA , Reflexos de Glória e Sabedoria. O mundo letrado chinês e o Humanismo Português	571
MANUEL J. S. BARBOSA , <i>De laudibus eloquentiae</i> : um poema de homenagem ao Cícero Lusitano?	583
THOMAS EARLE , Os livros de Jerónimo Osório nas bibliotecas inglesas.....	599

El tópico del “sobrepujamiento” en la *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa

JUAN CARLOS JIMÉNEZ DEL CASTILLO
Universidad de Jaén
juanc.jimenezdc@gmail.com

Resumen: En este trabajo analizamos el uso del tópico literario que Curtius acuñó como *Überbietung* en el poco conocido poema épico *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa. Nos detenemos en su caracterización lingüística y en su importancia como parte esencial del componente panegírico del poema.

Palabras clave: Sobrepujamiento, *Austriaca siue Naumachia*, Francisco de Pedrosa, épica neolatina, batalla de Lepanto.

Abstract: In this paper, we analyze the employment of the literary topic called *Überbietung* by Curtius in a relatively unknown epic poem: the *Austriaca siue Naumachia* by Francisco de Pedrosa. Here we provide details about its linguistic features as well as its significance as an essential part of the panegyric component of the poem.

Keywords: *Überbietung*, *Austriaca siue Naumachia*, Francisco de Pedrosa, Neo-Latin Epic, Battle of Lepanto.

1. Un hidalgo en las Indias y una epopeya olvidada

Durante la década posterior a la Batalla de Lepanto, el humanista español Francisco de Pedrosa compuso en loor de la victoria cristiana una ambiciosa epopeya que denominó *Austriaca siue Naumachia*¹. Sobre su figura apenas sabemos unos pocos datos². Nació en 1540 y desembarcó en Santiago de Guatemala, junto a sus

1 La edición y traducción de este poema fue objeto de nuestra tesis doctoral, *La Austriaca siue Naumachia de Francisco de Pedrosa. Estudio introductorio, edición crítica, traducción anotada e índices*, defendida en la Universidad de Cádiz en 2017 y dirigida por los doctores José María Maestre Maestre y Bartolomé Pozuelo Calero. El manuscrito único de la obra se conserva en la Biblioteca Nacional de España (ms. 3960).

2 Para más información, remitimos a nuestros trabajos Jiménez 2014 (171-191) y 2016 (265-277).

padres, entre 1552 y 1555³. Años después, comenzó a impartir en su propio hogar clases de Gramática y de Latín a los hijos de españoles, y en 1568 firmó un contrato con el Colegio de Santo Tomás como catedrático de Gramática⁴. Era hidalgo, no sabemos si por méritos propios o por herencia, lo que favoreció, junto con sus servicios como docente y su prestigio en la provincia, la concesión de dos mercedes reales: una de doscientos pesos anuales durante seis años en 1586⁵, y otra de 500 de manera indefinida en 1589⁶. Pocos años disfrutaría, sin embargo, de esta última merced, pues falleció en 1592⁷.

Debió de terminar la *Austriaca siue Naumachia* en 1580, fecha en que la envía al Consejo de Indias a través de la Audiencia de Guatemala para solicitar su impresión⁸. Hay dos motivos que nos invitan a plantear esta fecha para la conclusión de la obra: de un lado, Pedrosa afirma en un memorial redactado en 1583 que tres años antes había mandado a España el poema⁹; de otro lado, la carta nuncupatoria, que se ha conservado en el mismo volumen de la obra, contiene una información que permite datar su composición en 1580: en esta carta Pedrosa afirma llevar veinticinco años enseñando, y, por otra parte, sabemos por el citado memorial de 1583 que comenzó a dar clases en 1555¹⁰. No obstante, la petición de impresión de Pedrosa fue desoída: en 1583 vuelve a solicitar al rey la publicación del poema que le ofrece como crónica y celebración de los sucesos verdaderos de una batalla que fue ganada

3 En 1572, Alniro de Paz, uno de los testigos entrevistados para la elaboración de la información de oficio y parte solicitada por Pedrosa (AGI Guatemala 113, N. 17), responde al oidor que “Lo conoce de más de veinte años a esta parte, desde que bino de los Reinos de España”. En 1595, el testigo Francisco Díaz del Castillo, en una información sobre Francisco de Pedrosa hijo, dice de su padre “y sabe que el dicho Francisco de Pedrosa, padre del dicho Francisco de Pedrosa, a cuya pedición se hace esta información, bibió en esta ciudad más de quarenta años hasta que falleció, que abrá tres años poco más o menos” (AGI Guatemala 115, N. 35).

4 AGCA A1. 20, L. 734, fol. 443r.

5 AGI Guatemala 395, L.6, fols. 181v.-182v.

6 AGI Guatemala 395, L.6, fols. 270v.-271v.

7 Podemos postular la fecha aproximada de su muerte gracias a la citada declaración de Francisco Díaz del Castillo, que afirmó en 1592 que Pedrosa falleció “abrá tres años, poco más o menos” (AGI Guatemala 115, N. 35).

8 Hemos de advertir que la versión de la *Austriaca* que se ha conservado en la BNE (ms. 3960) no es la misma que Pedrosa envió en 1580, ya que la versión que nos ha llegado presenta indudables indicios de ser la copia de un borrador de la obra: por un lado, todos los materiales del manuscrito han sido copiados por una misma mano, y el texto presenta numerosos lapsus propios de un copista; por otro lado, la presencia de versos incompletos, de episodios poco pulidos, y de pasajes yuxtapuestos y carentes de sentido apuntan a su naturaleza de borrador. Se trata, por tanto, de un poema en estado inacabado.

9 AGI Guatemala 56, fol. 1r.

10 Antes del envío del poema al rey, mandó un borrador del mismo a varias personas de su círculo. De ellas, solo sabemos con seguridad que la leyó fray Martín de la Cueva, un fraile sevillano que en la década de los setenta se encontraba entre Méjico y Guatemala cumpliendo, presumiblemente, con su misión evangelizadora. Este fraile es autor de un opúsculo denominado *De corrupto docendae grammaticae Latinae genere et de ratione eiusdem breuiter recteque tradendae libellus*. Los pocos escasos datos biográficos que maneamos los debemos a Mañas Núñez 2013: 205-230.

gracias a su majestad¹¹. A pesar de la insistencia de su autor, fruto de su reconocido deseo de regresar a Madrid y de que el monarca lo empleara a su servicio, la *Austriaca* jamás pasó por imprenta, y cayó en el olvido de los siglos.

2. *Laudatio* y *vituperatio*: El tópico del sobrepujamiento en la *Austriaca*

“Sobrepujamiento” es la traducción del término *Überbietung*, acuñado por Ernst Robert Curtius en su obra *Literatura Europea y Edad Media Latina*¹² para designar una fórmula de *laudatio* en que la persona, objeto o suceso elogiados sobrepasa, o *sobrepuja*, todas las personas o cosas análogas con las que el autor establece una relación de comparación. Se establece una “forma peculiar de la comparación”¹³ entre el sujeto u objeto elogiados y los casos análogos proverbialmente conocidos para incidir en la superioridad del primero sobre el segundo.

Pero este concepto fue revisado y ampliado por el profesor Maestre Maestre, que, junto con los trabajos del profesor Galán Sánchez sobre el tópico en Marcial y Estacio, ha sido la principal aportación al estudio de este lugar común, recogiendo por vez primera ejemplos de la poesía neolatina hispana. Sus puntualizaciones a la definición de Curtius fueron tres. En primer lugar, si bien es cierto que el sobrepujamiento es una forma de comparación, también es una forma de hipérbole, por lo que se multiplican las posibilidades en lo tocante a su caracterización formal. En segundo lugar, no es un tópico exclusivo de la *laudatio*. Aunque es más frecuente en este ámbito, también se puede recurrir al tópico en la *vituperatio*. A este respecto, el profesor Maestre recuerda que, como recoge Lausberg, al elogio se le opone dialécticamente el vituperio y que, si bien la *amplificatio* es más frecuente en la *laudatio*¹⁴, también aparecerá en la *vituperatio*¹⁵. En último lugar, los modelos referenciales de la comparación pueden ser personajes reales o mitológicos de la Antigüedad, pero también dioses, animales, y objetos inanimados, como apuntaba Lausberg¹⁶.

Otra característica del tópico es que el objeto elogiado o vituperado y el *exemplum* al que sobrepuja pertenecen a planos temporales distintos: el primero se localiza en el presente del autor, y el segundo, en un pasado mítico o histórico, y, en este último caso, antiguo o reciente. Es por ello que una de sus caracterizaciones formales es el uso de expresiones que sitúan en el tiempo tanto el término alabado como su referente. Asimismo, ambos términos han de pertenecer al mismo plano nocional,

11 Tal como declara en la carta prologal de la *Austriaca*: “Parándome muchas veces a considerar, christianíssimo y poderosíssimo señor en el grande piélagó, de vuestras grandes y casi innumerables virtudes y famosíssimos hechos [...], parecióme que era razón que se levantara algún famoso varón, principalmente donde tanto florecen las letras y buenas artes como es en España con el fabor y patrocinio de Vuestra Magestad, su señor y verdadero padre, que escribiera en verso heroico latino vuestras grandes hazañas y virtudes, porque tan famoso nombre como es el vuestro y de vuestro charíssimo y felicíssimo hermano el señor Don Juan de Austria se ethernicen en todo género de escriptura, principalmente en el modo de escribir más alto y estimado de todos, que es el verso latino heroico,[...] porque las hazañas de los héroes que los antiguos llamaron medio dioses no se contentan con otro género de escriptura que pueda ygualar con su grandeza, ni el historiador cumple con lo que es obligado a su officio debido, quando celebra las hazañas heroicas en otro modo de escribir que en verso hexámetro heroico, como lo da por precepto Horacio” (Ms. 3960, fols. 4r.- 4v.).

12 Curtius 1976 (t. I): 235-239.

13 Curtius 1976 (t. I): 235.

14 Quint. *Inst.* 3. 7. 6.

15 Quint. *Inst.* 2. 4. 20-21.

16 Lausberg 1967 (t. I.): 214-221.

es decir, el héroe alabado o vituperado se comparará con otro héroe, un suceso histórico sobrepujará a otro de parecida o igual naturaleza, etc¹⁷.

El estudio de este tópico en los autores latinos de la Antigüedad fue parcialmente marginado hasta finales de los ochenta y los noventa del pasado siglo. Como apunta Maestre¹⁸, el estudio de Focke¹⁹ había excluido a los poetas romanos, y el de Curtius comienza por Estacio, aunque menciona a Propertio y Marcial²⁰. Pero Maestre demuestra la presencia del tópico en poetas como Virgilio, Horacio, Ovidio, Catulo, Marcial y Séneca, y, una década después, verían la luz los trabajos de Galán sobre el tópico en Marcial (que recoge ejemplos, además, de Lucano, Propertio y Claudiano)²¹ y en Estacio²².

Durante el Renacimiento, la razón del uso de este tópico es inherente al propio movimiento: la originalidad de los humanistas reside, precisamente, en la vuelta a los clásicos²³, y, consecuentemente, encuentran en ellos el instrumento para el elogio y el vituperio. La poesía épica de esta época, como desde antiguo, se ajusta a los gustos de la élite culta y de las esferas de poder. En el Siglo de Oro, el género se caracteriza, además, por la estrecha relación que se establece con la historia y el género historiográfico, toda vez que los autores presentan sus epopeyas como relaciones de sucesos verdaderos para que quede constancia en los tiempos venideros de las hazañas libradas por el monarca de turno²⁴. Por otra parte, para cumplir con los requisitos del género, adornan los hechos con una serie de “ficciones”²⁵ y, por añadidura, recuperan uno de los elementos inherentes a la épica desde los poetas antiguos: el encomio. Es así como el sobrepujamiento reverdece en el Renacimiento como uno de los recursos más recurrentes, ya fuese para ensalzar algún príncipe cristiano u otra personalidad destacada, ya fuese para vituperar a sus enemigos o detractores.

A continuación, analizaremos el uso que de este lugar común hizo Pedrosa en su *Austriaca*, un poema compuesto para inmortalizar y celebrar el reinado de Felipe II. El tópico aparece en veintisiete ocasiones, que estudiaremos atendiendo a sus distintas modalidades. Para esta clasificación nos atenderemos, primeramente, a las directrices del profesor Maestre, que propugnaba la existencia, a grandes rasgos, de dos tipos de sobrepujamiento: el implícito y el explícito²⁶, que definiremos en las siguientes páginas.

17 Seguimos aquí a Galán Sánchez 1996: 159-160; 1999: 168.

18 Maestre 1989: 170.

19 Focke 1923. Incluye, en cambio, algunos ejemplos de prosistas, la mayoría historiadores.

20 Curtius 1976 (t. I): 235.

21 Galán Sánchez 1996.

22 Galán Sánchez 1999.

23 Sobre el concepto de originalidad en el Renacimiento es obligada la lectura de Maestre 1982: 260-267; 1985: 325-340; 1987: XCVI.

24 Para un estudio más amplio de esta faceta y de la relación del género épico con la historia resultan imprescindibles las lecturas de Vilá 2006: 83-106; 2010: 1-35; 2011: 123-139 y Vega 2010: 103-135.

25 Ms. 3960, fols. 5v.-6r.: “Porque va tan gustosa y florida la historia escrita en metro, y es tan suave y deleytosa su lición, si lleva las partes y decoro que a de llevar, que nunca se harta el discreto lector de leerla, por las muchas figuras, colores y ornamentos con que va la verdad del hecho vestida y ornada, porque cuando della se trata no tiene el poeta licencia de añadir ni quitar conforme a las leyes de la poesía, y las ficciones que fingen y inventan los poetas ingeniosos son como reclamos y suave melodía, con que se atraen los lectores a leer de mejor gana el suceso verdadero de la historia, que la historia que va desnuda desta variedad de digresiones y ornamentos”.

26 Maestre 1989: 169.

2. 1 Sobrepujamiento implícito

Consiste en la comparación, sin más, de una persona, objeto o suceso con el modelo referencial. De esta manera, el objeto de elogio o de vituperio supera, implícitamente, todo aquello que supera el modelo. Las fórmulas con las que Pedrosa expresa esta modalidad de sobrepujamiento son verbos como *aequare* o *aequiparare*. En el primer ejemplo que hemos rescatado, perteneciente al catálogo de naves y héroes, Pedrosa recoge en la relación a los tres mil alemanes que participaron en la batalla capitaneados por los condes Alberico de Lodrón y Vinciguerra de Arco, y se refiere a ellos en estos términos:

Germani, ingentes animis, ualidisque lacertis
Aequantes humeris uultuque ipsum Polyphemum,
Albericus eos Lodronus ducit ouantes²⁷.

(Los alemanes, imponentes por sus ánimos, y que igualan al mismísimo Polifemo con sus robustos brazos, sus hombros y su rostro, a ellos los lidera Alberico de Lodrón entre vítores).

El autor se recrea en la alabanza a los soldados de esta nación alegando que son tan corpulentos y valerosos como el famoso cíclope y que, por tanto, sobrepujan todo aquello que de por sí supera Polifemo.

En la categoría de sobrepujamiento implícito²⁸ incluimos la antonomasia *vossiana*²⁹, de la que hemos registrado tres ejemplos en el poema. En el primero, después de la descripción de los adornos de la Galera Real de Juan de Austria, este se alza a ojos del poeta como un nuevo Augusto:

Victus ut Augusto fugit uincente inimicus
Caesare, sic hostis fugiet, uincente Ioanne.
Alter erat Caesar uincens, est Caesar et alter,
Clarus uterque suis spolijs et clarus eois;
Alter erat foelix, foelix est Caesar et alter³⁰.

(Como huyó el enemigo vencido tras la victoria del César Augusto, así huirá el nuestro tras la victoria de don Juan. Uno era un César victorioso, el otro César también lo es, ilustres ambos, famoso el uno y famoso el otro por sus trofeos traídos de Oriente; un César era dichoso, dichoso es también el otro César).

²⁷ *Austriaca siue Naumachia* (*Austr.*) 2. 469-471.

²⁸ Citamos dos ejemplos más: *Austr.* 4. 196-198; 4. 356-358.

²⁹ Maestre 1989: 169.

³⁰ *Austr.* 2. 674-678.

En el segundo ejemplo, una de las musas, representada con algunos atributos propios de la Virgen³¹, se muestra ante los ojos de Juan de Austria en la superficie de un escollo marino. Le anuncia que obtendrá la victoria sobre el Turco y que un nuevo Homero, o un nuevo Virgilio, cantará su triunfo³².

Ad tua gesta meos incendam fortia uates
 Concelebranda, dabo uires his aureaque ora
 Et centum linguas. Alter nascetur Homerus,
 Vergilius, uixdumque tuas hi carmine laudes
 Aequabunt.³³

(Yo enardeceré a mis vates para que celebren tus valerosas hazañas, les otorgaré fuerzas, bocas de oro y cien lenguas. Nacerá otro Homero, otro Virgilio, y a duras penas igualarán tu gloria con su poesía).

Tras las cobardes palabras de los hombres de Juan de Austria en los últimos versos del libro III, intimidados por el discurso del Diablo disfrazado de Andrea Doria, el héroe pronuncia una arenga para insuflar aliento en sus corazones. Antonio Colona toma luego la palabra y elogia a su general por su capacidad de liderazgo equiparándolo a dos héroes clásicos de la talla del príamida Héctor y de Aquiles.

Hectora te fortem te iamque uocamus Achillem³⁴.

(A ti ya te llamamos valeroso Héctor, a ti ya te llamamos Aquiles).

2.2 Sobrepujamiento propiamente dicho

Es el sobrepujamiento entendido *per se*, la manifestación explícita de la superioridad del objeto de loa sobre el modelo de referencia con el que el autor lo compara. Esta variante se formula en la *Austriaca* con verbos como *exuperare*, *prestare*, *cedere*,

31 Se trata de una curiosa cristianización de una musa, que aparece ataviada con una imagen de la Virgen María en una mano y pisando una serpiente sobre la medialuna, como en la visión apocalíptica de la Virgen. No obstante, no queda duda de su identidad como musa: *laetamur Musae*, (3. 556), *en sumus illae [...] quas uestri ut dominas docti coluere poetae* (3. 558-561). Un proceso parecido de cristianización de una musa tiene lugar en el proemio del *Austrias Carmen* de Juan Latino, donde el poeta invoca a las *Catholicae Musae* (1. 59). Además de la conocida edición del profesor Sánchez Marín (1981), llamamos la atención sobre una edición y traducción inglesa que ha visto la luz recientemente de manos de Wright – Spense – Lemons (2014).

32 Parece tratarse de un guiño del poeta a sí mismo, teniendo en cuenta la insistencia con que solía expresar esta ambición personal. En la carta prologal del poema (ms. 3960, fol. 8r-8v.) escribe lo siguiente: “Quisiera yo, poderosísimo y altísimo señor, tener tanta suficiencia y tan alto el estilo, que yqualara con la grandeza de vuestro valor y hazañas y la gran voluntad y deseo que tengo de emplearme a mí y a doce hijos que tengo en vuestro real servicio, que no fuera inferior a Homero y a Vergilio, mas el gran deseo de servir a Vuestra Magestad y que su clarísimo nombre sea eternizado por todos los siglos venideros, me ha abierto un poco de camino para bolber a subir las escaleras reales por donde siendo niño tantas veces subí [...]”. En el memorial que redacta en 1583 (AGI Guatemala 56, fol. 1r.), dice: “Suplico a V. M. sea servido de mandar imprimir esta obra, pues con ella se celebra y eterniza el gran nombre y grandezas de V. M., y es aumento de vuestra Real corona y provecho de vuestros reinos y vasallos, pues en los estudios puede servir de un Vergilio cristiano”.

33 *Austr.* 3. 577-579.

34 *Austr.* 4. 137.

conferre, praecurrere o excedere; adjetivos en grado comparativo y superlativo: *maior*; *magis*, *melior*; *melius*, *uiolentior*, *prestantior*; y otras expresiones comparativas: *non tam bene*.

El primer ejemplo tiene lugar en el proemio del poema, en los versos en los que Pedrosa se dirige a Felipe II, arguyendo que la victoria que consiguió en Lepanto supera todos los triunfos de los griegos, de los romanos, de Alejandro Magno, y, por si ello fuera poco, de su padre, Carlos V.

Exuperat cunctos uictoria sola triumphos
Haec tua, Romulidum quos et gens Graia parauit
Gangeque quos domito Dionisius uictor eoís
Magnus Alexander retulitque reuersus ab oris,
Quos pater atque tuus portauit Carlus ab omni
Quae renuit Christo nostro dare numina gente³⁵.

(Esta sola victoria tuya supera todos los triunfos juntos que los romanos y la nación griega consiguieron, los que obtuvieron el vencedor Dionisio cuando sometió el Ganges y Alejandro Magno a su regreso de las costas orientales, y los que tu padre Carlos logró sobre cada nación que se negó a reconocer a nuestro Cristo su divinidad.)

En el siguiente caso, recogido del catálogo de naves y héroes del libro II, se elogia la talla heroica de Héctor de la Calche, que supera la de su mítico tocayo, el priamida Héctor.

[...] Quasque Hector ducit Calcensis, qui Hectora magnum
Prestabat, pollens animis uiridique iuuenta³⁶.

([...] y las (galeras) que capitanea Héctor de la Calche, que al gran Héctor superaba, poderoso por su espíritu y su vigorosa lozanía.)

En los siguientes versos, correspondientes a la écfrasis de la Galera Real, inserta en el catálogo, Pedrosa sobrepuja su ornamentación equiparándola a las estrellas, y su altura, haciéndola superar al Etna.

His decorata sinus pandens pretoria puppis
Prepetibus uelis ad cursum prouocat astros,
Exuperans Aethnam celsis excelsa cherucis³⁷.

(Decorada con estos motivos, la galera real, abriendo los golfos con raudas velas, rivaliza con los astros en su derrotero y superan en altura al Etna con sus elevadas maromas.)

³⁵ *Austr.* 1. 25-30.

³⁶ *Austr.* 2. 434-435. Es un pasaje que nos trae a la memoria un episodio virgiliano, que también cita Maestre 1989: 171: *ibo animis contra, uel magnum praestet Achillem / factaque Volcani manibus paria induat arma* (VERG. *Aen.* 11. 438-439).

³⁷ *Austr.* 2. 683-685. Otros casos de sobrepujamiento explícito son: 1. 44-45; 1. 524-540; 1. 745-746; 2. 378-381; 2. 639-642; 4. 628-631; 6. 375-377; 6. 387-388.

Si al profesor Maestre debíamos la clasificación general del tópicus en los tipos implícito y explícito, a los trabajos del profesor Galán Sánchez debemos la categorización de los subtipos de esta última variante, que detallaremos seguidamente. Se trata del sobrepujamiento por unicidad, el sobrepujamiento hipotético y el sobrepujamiento explicativo³⁸.

2.2.1 Sobrepujamiento por unicidad

El profesor Galán acuña esta variante en su estudio del tópicus en Marcial³⁹. El sujeto u objeto elogiado no solo supera todos los de su misma naturaleza, sino que es el único digno de consideración. Desde el punto de vista formal, se caracteriza por el uso de expresiones temporales: *numquam*, *prius*, *quondam*...

Nunquam uisa prius naualia bella nec ullis
 Audita in priscis annalibus, aequora tinctos
 Nulla suos fluctus uiderunt sanguine quondam,
 Sanguinolenta fuit nunquam magis unda profundi⁴⁰.

(Jamás antes ha sido vista ni oída en ninguno de los antiguos anales una batalla naval como esta, ningún mar ha visto en tiempos pretéritos sus olas teñidas de sangre como ahora, nunca estuvieron tan ensangrentadas las aguas de altamar.)

Es habitual que el poeta traiga a colación no uno, sino varios *exempla* del pasado para redundar en la superioridad del objeto celebrado sobre el conjunto de todos los demás. Por añadidura, su unicidad puede proyectarse al futuro: ni ha habido ni habrá cosa igual. No obstante, de estos dos rasgos, el segundo, excepto en un ejemplo que analizaremos más abajo, no se da entre los casos extraídos de nuestro autor⁴¹; sobre el primero debemos realizar una puntualización. No se mencionan explícitamente *exempla* del pasado, pero están recogidos, implícitamente, en las expresiones temporales *numquam*, *prius*, *quondam*, *non unquam*. La lectura de otro ejemplo ilustrará mejor nuestras líneas:

Hoc hominum bello uiginti millia uicta
 Captaque sunt; similis nostris non accidit unquam
 Iactura, excidium, res nunquam uisa priori
 Tempore, grande nefas, nostrae ignominia gentis⁴².

38 Propone, además, la modalidad que denomina “sobrepujamiento del sobrepujamiento” (Sánchez Galán 1996: 262), que hemos excluido de nuestro estudio, toda vez que no se caso alguno en la *Austriaca*. En esta modalidad, son dos los objetos elogiados, uno menor y otro mayor. El menor sobrepuja el modelo de referencia, y el mayor sobrepuja a este.

39 Galán Sánchez 1996: 258.

40 *Austr.* 1. 35-38.

41 Los ejemplos de sobrepujamiento por unicidad recogidos en la *Austriaca* son los siguientes: 1. 35-38; 2. 181-185; 3. 454; 3. 792-796; 3. 803-806; 5. 244-245; 5. 332-335. Nos detendremos aquí en 1. 35-38; 3. 792-796 y 3. 803-806.

42 *Austr.* 3. 803-806.

(En esta batalla fueron vencidos y capturados veinte mil hombres; jamás tuvo lugar para los nuestros un desastre igual, una catástrofe, un hecho nunca visto en tiempos pasados, gran sacrilegio, infamia de nuestra nación.)

En los últimos versos del libro III, la armada se encuentra haciendo escala en la Gomeniza y, a pesar de los vaticinios favorables de Proteo y la musa, el pesimismo se ha adueñado de los corazones de los hombres de Juan de Austria. El miedo al poderío turco les lleva a recordar los fracasos militares de los cristianos ante ellos. Después de traer a la memoria la batalla de Préveza, se hace lo propio con el desastre de Los Gelves, una derrota única, jamás vista.

Solo unos versos más arriba del fragmento antes citado, nuestro poeta se valía del tópico para vituperar al ejército español en aquella jornada.

Maiores in aequoreis nec fluctibus ulla coiuit
 Classis ea, fuscum minus est aut sanguinis unquam.
 Tam male nulla fuit moderataque peius in alto
 Non fuit – ullus erit magis aut preposterus ordo –,
 Plusque duces alias delirauere regendo⁴³.

(Nunca se reunió una armada mayor que esta [la turca] sobre las olas del mar, o nunca se derramó menos sangre del enemigo. No hubo flota alguna tan mal ni peor gobernada en alta mar – ni habrá en adelante formación alguna más caótica –, ni capitanes se apartaron más de sus derroteros en el gobierno del resto de sus navíos.)

En el primer verso se hace mención al carácter único de la flota enemiga por su magnitud, pero los siguientes forman parte de la *uituperatio*: también fueron sucesos únicos el poco daño que se hizo a un enemigo en combate y el desorden en las filas cristianas. En esta ocasión, sí se proyecta la acción hacia el futuro para recalcar su unicidad no solo en el pasado, sino también en los siglos venideros.

2.2.2 Sobrepujamiento hipotético

En virtud del sobrepujamiento hipotético, la persona u objeto elogiado del presente es trasladado imaginariamente al pasado, a la época de la que se toma el modelo de referencia. El poeta afirma que, si el elogiado hubiera vivido en la época remota del referente, habría sobrepujado a este⁴⁴.

Sin embargo, en los ejemplos de sobrepujamiento hipotético identificables en el poema pedrosiano se produce el proceso contrario: no se traslada al pasado al objeto de elogio, sino que se trae al presente el *exemplum*, estableciendo la hipótesis de que, en su misma época y en sus mismas circunstancias, no podría superar al elogiado. Es por eso que esta a modalidad podríamos denominarla, para diferenciarla de la primera, “sobrepujamiento hipotético inverso”.

Los dos ejemplos están localizados en el libro IV. El primero es una alabanza de Antonio Colona a don Juan de Austria por sus dotes de liderazgo, después de que

⁴³ Austr. 3. 792-796.

⁴⁴ Galán Sánchez 1996: 261-262.

el héroe levantara los espíritus de sus hombres decaídos y los animara a proseguir con un combate en defensa de la religión. En estos versos, presenta al Austria como un héroe que sobrepaja a Ulises: suponiendo que el rey de Ítaca viviera la situación presente del carólida, no podría igualarlo en su inteligencia y su astucia para conocer a sus enemigos.

Mores quam paruo tempore calles
Turcarum superasque duces, uincis ueteranos!
Tam bene nosse dolos hostis non posset Vlysses!⁴⁵

(¡En qué poco tiempo te has versado en las costumbres de los turcos y has superado y vencido a caudillos veteranos! ¡Ni Ulises habría podido conocer tan bien las argucias de su enemigo!)

La elección de Ulises como *exemplum* no es arbitraria. El sujeto elogiado y el referente pertenecen al mismo plano notional: ambos son héroes; pero además el laertíada es un héroe de astucia, como Juan de Austria, por lo que el peso de la *laudatio* es aún mayor.

El segundo ejemplo de sobrepujamiento hipotético también sale de boca de Antonio Colona para elogiar al Austria: ni siquiera otros héroes de la Antigüedad, conocidos por su astucia y su conocimiento de los pormenores de la guerra, habrían podido igualarlo en los tiempos presentes.

Dux – inquit – uera fateris,
Inclyte, dicta ducis tanti quis non probet ista?
Magnus Alexander, Scipio, non Anibal ille
Tam bene principium, fines ac pondera rerum
Tam bene colligerent – utris plus prospera fata –,
Mens tua quam certis haec estimat omnia causis⁴⁶.

(Oh, general distinguido – sigue hablando –, es verdad lo que dices, ¿quién no aprobaría estas palabras, viniendo de tan señalado caudillo? Ni Alejandro Magno, Escipión o el famoso Aníbal entenderían el inicio, el fin y la importancia de esta empresa – los hados fueron más prósperos para otros –, tan bien como tu mente juzga todo esto partiendo de hechos concretos.)

2.2.3 Sobrepujamiento explicativo

Se trata de aquellos casos en los que el autor va más allá de la mera alusión al sobrepujamiento del objeto de elogio sobre su modelo y ofrece una explicación a esa superlación⁴⁷. En la *Austriaca* solo se da un ejemplo de esta modalidad, localizado en los últimos versos del poema, antes de pasar al encomio final de los hijos de Carlos V. Pedrosa elogia al marqués de Santa Cruz, a quien, según él, era debida gran parte de la victoria. Así elogia su valor:

45 *Austr.* 4. 136.

46 *Austr.* 4. 202-207.

47 Galán Sánchez 1996: 261.

Nulli cedens uirtute secundus
 Ante, fuit quoniam celer auxiliando Philippi
 Carolidae fratri. Nulla is momenta reliquit
 Pugnandi. Nullo fuit is non tempore praesens,
 Haesit eumque comes sectatus, ut alter Achates⁴⁸.

(No tuvo menos valor que nadie, pues fue rápidamente a prestar ayuda al Carólida, hermano de Felipe. En ningún momento dejó de luchar, en ningún momento estuvo ausente, y acompañó a don Juan como otro Acates.)

Pedrosa explica el sobrepujamiento del marqués de Santa Cruz sobre todos los demás por su valor alegando que fue el primero en prestar socorro y en apoyar en combate a Juan de Austria. En adición, leemos otro caso de antonomasia vossiana en el último verso, como otra explicación del sobrepujamiento: el marqués acompaña al héroe como otro Acates.

3. Conclusiones

Como se ha comprobado, el tópico del sobrepujamiento tiene una presencia significativa en los versos pedrosianos. La naturaleza misma de la obra épica propicia el recurso a este tópico como mecanismo panegírico, en cuanto que la epopeya constituye una solemne alabanza al reinado de Felipe II y a su particular hazaña en la derrota contra el Turco. Pedrosa ha recurrido al tópico para alabar en la inmensa mayoría de los casos; solo hemos encontrado uno en que el sobrepujamiento se produzca en un contexto de *uituperatio*.

El estudio de este tópico se ha emprendido con el objeto de dar a conocer un elemento más de la naturaleza poética no solo de la *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa, sino de la poesía épica renacentista. Con ello, postulamos que la reflexión del género debe emprenderse no solo desde su íntima conexión con el legado virgiliano y con la historia, como oportunamente señaló Vilá⁴⁹, sino también atendiendo a los mecanismos formales y conceptuales que den plena idea del uso del género y del estilo particular del autor. Por extensión, abandonando ahora los límites del género, hemos intentado contribuir humildemente a la cobertura de una necesidad que apuntaba de Alcina y que recuerda Maestre⁵⁰, la del estudio sistemático, en el marco de la poesía neolatina, de “exposiciones diacrónicas de palabras clave, conceptos e ideas que puedan servirnos para las líneas del humanismo hispano”⁵¹.

Bibliografía

Alcina Rovira, J. F. (1976). “Poliziano y los elogios de las letras en España (1500-1540)”, *Humanistica Lovaniensia* XXV: 198-222.

Cueva, Fray Martín de la (1550). *De corrupto docendae grammaticae Latinae genere et de ratione eiusdem breuiter recteque tradendae libellus*. Amberes.

48 *Austr.* 6. 609-613.

49 Vilá 2003: 137-150.

50 Maestre 1989: 167.

51 Alcina 1976: 198-199.

Curtius, E. R. (1976). *Literatura europea y Edad Media latina*. Fondo de Cultura Económica.

Focke, F. (1923). “Synkrisis”, *Hermes* 58: 327-368.

Galán Sánchez, P. J. (1996). “El tópico del «sobrepajamiento» en Marcial”, in A. M. Aldama Roy (coord.), *De Roma al siglo XX* vol. 1. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 255-262.

– (1999). “El tópico del «sobrepajamiento» en Estacio”, *Cuad. Filol. Clás. Estudios Latinos* 16: 163-174.

Jiménez del Castillo, J. C. (2014). “El tópico del *concilium deorum* en la *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa”, *Calamus Renascens* 15: 171-191.

– (2016). “La *Austriaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa y la propaganda al servicio del poder”, *Euphrosyne* XLIV: 265-277.

Lausberg, H. (1967). *Manual de retórica literaria*. Editorial Gredos.

Maestre Maestre, J. M. (1982). “Sistema, norma y habla y creatividad literaria latino-tardía”, *Actas del I Congreso Andaluz de Estudios Clásicos*, 260-267.

– (1985). “La influencia del mundo clásico en el poeta alcañizano Juan Sobrarias: estudio de sus fuentes literarias”, *Anales de la Universidad de Cádiz* II: 325-340.

– (1987). «*Poesías varias*» del alcañizano Domingo Andrés, Instituto de Estudios Turolenses (CSIC).

– (1989). “El tópico del «sobrepajamiento» en la literatura latina renacentista”, *Anales de la Universidad de Cádiz* 5-6: 167-192.

Mañas Núñez, M. (2013). “Pedagogía y teoría gramatical en el *Libellus* de Fray Martín de la Cueva”, *Minerva: Revista de filología clásica* 26: 205-230.

Vega, M. J. (2010). “Idea de la épica en la España del Quinientos”, in M. J. Vega y L. Vilà (eds.), *La teoría de la épica en el siglo XVI (España, Francia, Italia y Portugal)*, 103-135.

Vilà, L. (2003). “La épica española del Renacimiento (1540-1605): propuestas para una revisión”, *Boletín de la Real Academia Española* t. LXXXIII, cuaderno CCLXXXVII: 137-150.

– (2006). “Épica, historia y la construcción de los mitos nacionales. La problemática de la teoría y la praxis de la épica culta en el siglo XVI (en Italia y España)”, *História e Perspectivas, Uberlândia* 34: 83-106.

– (2010). “Fama y verdad en la épica quinientista española. El virgilianismo político y la tradición castellana del siglo XV”, *Studia Aurea* 4: 1-35.

– (2011). “*Compuesto de materia que es la verdad histórica*. Virgilianismo político y escritura épica”, in L. Vilà (ed.), *Estudios sobre la tradición épica occidental (Edad Media y Renacimiento)*, Editorial Caronte, 123-139.

Wright, E., L. Spence, A. Lemons (2014). *The Battle of Lepanto*. Harvard University Press.